

## TESTEMUNHAS E PROFETAS

Daniel Rocchetti<sup>1</sup>

Paz e Esperança, em tempos desafiadores e missionariamente oportunos!

“Não podemos deixar de afirmar o que vimos e ouvimos”  
(At 4, 20)<sup>2</sup>

É com este versículo bíblico do Livro dos Atos dos Apóstolos que introduzo uma breve reflexão aos meus coirmãos e às minhas coirmãs, leigos e leigas, padres, religiosas e religiosos, presbíteros e ainda, quiçá, bispos palotinos que nos acompanham neste evento formativo promovido pelo Instituto São Vicente Pallotti, em Roma... e de Roma, ao mundo inteiro!

“Não podemos deixar de afirmar o que vimos e ouvimos” (At 4, 20) é o que o Apóstolo São Pedro, junto com São João, respondeu a um grupo de acusadores lá no Sinédrio, e que os ameaçava, forçando-os a se calarem no anúncio do Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, na proclamação de Sua Vida Ressuscitada e no espalhamento de seus ensinamentos. Não, não! Eles não poderiam, em hipótese alguma, sob qualquer ameaça, deixar de anunciar as Maravilhas que Deus havia realizado e das quais eram testemunhas.

Tendo sido encontrados por Cristo, decidiram segui-Lo, tornaram-se Seus discípulos, conviveram com Ele, aprenderam d’Ele e, uma vez fortalecidos pelo Espírito d’Ele, saíram, enfrentando desafios e tentativas de os calarem... até que, ano a ano, década a década, séculos a séculos a Verdade e a Beleza sobre Nosso Senhor Jesus Cristo chegou até nós, alcançando-nos, envolvendo-nos, formando-nos, e por sua vez, enviando-nos... porque esta Missão é d’Ele e Ele a continua!

Realmente a vida da Igreja é missão. A Igreja nasceu da Missão e serve à Missão. O Santo Padre Paulo VI, na *Evangelii Nuntiandi* 15, reassumiu a autocompreensão histórica da Igreja na História do Mundo e a autodefinição conciliar encontrada em *Ad Gentes* 2 e confirmou que a essência da Igreja é o anúncio, é a missão. A Igreja é uma comunidade testemunhal! Ela existe para testemunhar Jesus Cristo e o faz através das diversas atividades que ela realiza: o ensino (*didaskalia*, enquanto *kerigma* e *katechesis*), o culto (*leitourguia*), o serviço (*diakonia*) e, em si mesma, a experiência de unidade e comunidade (*koinonia*).

Daqui compreendemos que não é a Igreja que tem uma missão a realizar no mundo, mas que é a Missão que tem a Igreja. Os missiólogos David Bosch em sua obra e também os autores Stephen Bevans e Roger Schroeder em seu texto argumentam o que já é admitido na reflexão missionária contemporânea e no Magistério Eclesial<sup>3</sup>:

“[...] a missão possui sua origem no coração de Deus. Deus é uma fonte de amor que envia. Esse é o manancial mais profundo da missão. É impossível penetrar mais fundo; existe missão porque Deus ama as pessoas”<sup>4</sup>.

---

<sup>1</sup> P. Daniel Luz Rocchetti SAC - padre palotino brasileiro - é doutorado em Missiologia pela Pontifícia Universidade Urbaniana (Roma). Atualmente é Assessor da Comissão Pastoral Episcopal de Animação Missionária da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB).

<sup>2</sup> Tema Bíblico da Mensagem do Santo Padre Francisco para o Dia Mundial das Missões 2021.

<sup>3</sup> Cf. AG 1.

<sup>4</sup> BOSCH, David Jacobs. *Missão Transformadora; mudanças de paradigma na teologia da missão*. Rio Grande do Sul, São Leopoldo: Editora Sinodal/Est, 2002, p. 342.

O Deus Trinitário, que se auto-revela e se autocomunica em Jesus Cristo é um Deus Amor transbordante, Amor Infinito, Amor Incondicional que se derrama e não cessa de derramar a sua bondade divina.

“Outra maneira de afirmar tudo isso é afirmar que Deus é Missão. Não é que Deus possui uma Missão, mas que ele é Missão. Isso é o que Deus é em sua mais profunda natureza: um amor auto-difuso, criando livremente, redimindo, curando, desafiando essa criação. Como meu colega Anthony Gittins falou em uma conferência: Deus ‘atinge com amor todo o espectro cósmico’. Ou, para ser um pouco mais prosaico, Deus é como uma fonte inesgotável e que sempre flui com água viva, que jorra na terra através do Espírito Santo e que, verdadeiramente, faz parte da criação através da Palavra que se tornou carne”<sup>5</sup>.

Sendo assim, se “Deus é uma fonte de amor que envia”<sup>6</sup> como Deus Missionário que é, compreendemos que a expressão *Missio Dei* é a atividade mesma de Deus, fruto de sua essência amorosa que se dá a conhecer, que se manifesta e que se difunde por si mesmo. E que a Igreja, por sua vez, está a serviço desta *Missio Dei*, e por causa dela, descobre a sua identidade característica mais essencial:

“a atividade missionária não é mais nem menos do que a manifestação ou epifania, e a realização do desígnio de Deus no mundo e na história: pela missão, Deus realiza claramente a história de salvação”<sup>7</sup>.

A Igreja é, por sua natureza, missionária<sup>8</sup>. A missão assim compreendida não será um algo optativo, algo opcional, como que um apêndice que se poderá ou não realizar! Não, a missão não é mais uma atividade da Igreja entre outras, mas é a sua própria natureza. A Igreja é missão!

Escrevendo a Mensagem do Dia Mundial das Missões do ano de 2012, o Papa Bento XVI ensinou que a missão é paradigma de toda e qualquer atividade eclesial. Depois, o Papa Francisco confirmou que “a ação missionária é o paradigma de toda obra da Igreja”<sup>9</sup> e em sua viagem apostólica à Colômbia, encontrando-se com o Comitê diretivo do CELAM, em 2017, explicou que a missão paradigmática

“é o esforço por colocar a missão de Jesus no coração da própria Igreja, transformando-a em critério para medir a eficácia das estruturas, os resultados do trabalho, a fecundidade dos seus ministros e a alegria que são capazes de suscitar. Porque, sem alegria, não se atrai ninguém”<sup>10</sup>.

De fato, mais do que apenas uma dimensão programática – ou seja, “a soma de iniciativas programáticas que enchem as agendas e também desperdiçam preciosas energias”<sup>11</sup>, o Papa Francisco vem recolocar no centro a missão de Jesus Cristo que é aquela que já vimos anteriormente, ou seja, a realização da *Missio Dei*, como auto-revelação do Amor Infinito.

Sendo a missão mais do que programas, planejamentos e atividades a serem feitas, ela deverá ser o centro donde parte todo o agir da Igreja e ainda, o critério avaliativo desta atividade eclesial. A missão deve ser reconhecida como paradigma, e não apenas como programas de atividades:

“Por isso, não se pode reduzir o Evangelho a um programa ao serviço de um gnosticismo na moda, a um projeto de promoção social nem a uma visão da

---

<sup>5</sup> BEVANS, Stephen; SCHROEDER, Roger. *Diálogo Profético: Reflexões sobre a missão cristã hoje*. São Paulo: Paulinas, 2016, p. 27-28.

<sup>6</sup> BOSCH, David Jacobs, 2002, p. 469.

<sup>7</sup> Cf. RM 41.

<sup>8</sup> Cf. AG 2.

<sup>9</sup> EG 15.

<sup>10</sup> Papa Francisco ao Comitê Diretivo do CELAM, Colômbia, 2017.

<sup>11</sup> Idem.

Igreja como burocracia que se autopromove; e a Igreja também não pode ser reduzida a uma organização dirigida, com modernos critérios empresariais, por uma casta clerical. A Igreja é a comunidade dos discípulos de Jesus; a Igreja é Mistério e Povo (cf. LG 5; 9), ou melhor dito: nela realiza-se o Mistério através do Povo de Deus. Por isso, insisti sobre o discipulado missionário como uma chamada divina para este tempo de hoje, complexo e carregado de tensões, um *permanente sair* com Jesus para conhecer como e onde vive o Mestre. E, ao mesmo tempo que saímos na sua companhia, conhecemos a vontade do Pai, que sempre nos ouve. Só uma Igreja Esposa, Mãe, Serva, que renunciou à pretensão de controlar o que não é *obra* sua mas de Deus, pode permanecer com Jesus, mesmo quando o seu ninho e refúgio é a cruz. Proximidade e encontro são instrumentos de Deus, que, em Cristo, Se aproximou e sempre nos encontrou”<sup>12</sup>.

Esta deveria ser a auto-compreensão eclesial necessária para entender o papel da Igreja (e de nossas congregações e organismos religiosos) diante deste tecido cultural, civil e social; Sim, diante desta humanidade em crise a que somos enviados, seja no Brasil, na Itália, nos Estados Unidos, na Zâmbia, na Índia ou Austrália e etc! Hoje, em muitas sociedades pós-cristãs o Evangelho não é mais conhecido, é desmerecido e até mesmo ridicularizado e em outras sociedades, ele é censurado e encarcerado.

A vida da Igreja é missão. Ir ao encontro das pessoas para lhes propor não um emaranhado de doutrinas ou um código moral, mas o encontro com uma pessoa viva, ressuscitada<sup>13</sup>.

“o anúncio concentra-se no essencial, no que é mais belo, mais importante, mais atraente e, ao mesmo tempo, mais necessário. A proposta acaba simplificada, sem com isso perder profundidade e verdade, e assim se torna mais convincente e radiosa. Todas as verdades reveladas procedem da mesma fonte divina e são acreditadas com a mesma fé, mas algumas delas são mais importantes por exprimir mais diretamente o coração do Evangelho. Neste núcleo fundamental, o que sobressai é a beleza do amor salvífico de Deus manifestado em Jesus Cristo morto e ressuscitado”<sup>14</sup>.

Este querigma, anúncio do Evangelho, como palavra salvífica e redentora, e que preenche de sentido as nossas vidas<sup>15</sup>:

“é o anúncio principal, aquele que sempre se tem de voltar a ouvir de diferentes maneiras e aquele que sempre se tem de voltar a anunciar numa forma ou doutra. É o anúncio de um Deus que ama infinitamente cada ser humano, que manifestou plenamente este amor em Cristo crucificado por nós e ressuscitado na nossa vida”<sup>16</sup>.

Enfim, é importante ainda reconhecer que esta *Missio Dei* a que temos nos referido neste texto, ou seja, a Missão de Deus que a Igreja continua a servir não é compreendida apenas como programa, e por isso deverá ser entendida como paradigma; Também não se reduzirá apenas a um discurso, mas ao acolhimento de uma Palavra de Salvação, que busca a conversão de atitudes e requer uma decisiva resposta afirmativa ao modo de viver de Jesus Cristo. Assim, a fé obrigatoriamente deverá se traduzir em obras de caridade e de serviço<sup>17</sup>, principalmente aos mais pobres e necessitados, como

---

<sup>12</sup> Idem.

<sup>13</sup> Cf. DCE 1.

<sup>14</sup> EG 35 e 36.

<sup>15</sup> Cf. DAp 548.

<sup>16</sup> QA 64; Capítulo IV da ChV.

<sup>17</sup> Cf. Tg 2, 14 - 26.

Nosso Senhor Jesus Cristo se lhes serviu: “fé que tendes em nosso Senhor Jesus Cristo glorificado não deve admitir acepção de pessoas”<sup>18</sup>.

A Igreja não tem uma missão. Ela é missão, já que é uma comunidade testemunhal. “O que vimos e ouvimos nós vos anunciamos”<sup>19</sup>. “Não podemos deixar de afirmar o que vimos e ouvimos”<sup>20</sup>. A Igreja está a serviço da Missão de Deus que continua amando – porque constantemente cria, redime, providencia, salva. O modo de ser Igreja, portanto, é continuar amando, acolhendo, abraçando, cuidando. Se há uma palavra a ser comunicada, como anúncio querigmático, esta palavra não poderá jamais ser encarcerada, presa ou acorrentada<sup>21</sup>. Ao contrário, ela precisa sempre ser proclamada, com a voz e com a vida, traduzida em atos, pois “não são falas nem discursos, nem se ouve a sua voz. Por toda a terra se difunde o seu som, e até os confins do mundo vai a tua mensagem”<sup>22</sup>. A vida se torna missão<sup>23</sup>!

E somente assim assume-se, como cristãos e religiosos – palotinos e palotinas – aquilo a que somos chamados a ser nesta manhã, neste encontro formativo: verdadeiramente testemunhas e profetas!

“A missão no coração do povo não é uma parte da minha vida, ou um ornamento que posso pôr de lado; não é um apêndice ou um momento entre tantos outros da minha vida. É algo que não posso arrancar do meu ser, se não me quero destruir. Eu sou uma missão nesta terra, e para isso estou neste mundo. É preciso considerarmo-nos como que marcados a fogo por esta missão de iluminar, abençoar, vivificar, levantar, curar, libertar. Nisto uma pessoa se revela enfermeira no espírito, professor no espírito, político no espírito..., ou seja, pessoas que decidiram, no mais íntimo de si mesmas, estar com os outros e ser para os outros. Mas, se uma pessoa coloca a tarefa dum lado e a vida privada do outro, tudo se torna cinzento e viverá continuamente à procura de reconhecimentos ou defendendo as suas próprias exigências. Deixará de ser povo”<sup>24</sup>.

## Bibliografia:

- CONCÍLIO VATICANO II, Decreto *Ad Gentes* 1, 1965.  
CONFERÊNCIA EPISCOPAL LATINO AMERICANA, *Documento de Aparecida*, 2007.  
BENTO XVI, Carta Encíclica *Deus Caritas Est*, 2005.  
BENTO XVI, Mensagem para o *Dia Mundial das Missões* 2012.  
BEVANS, Stephen; SCHROEDER, Roger. *Diálogo Profético: Reflexões sobre a missão cristã hoje*. São Paulo: Paulinas, 2016.  
BOSCH, David Jacobs. *Missão Transformadora; mudanças de paradigma na teologia da missão*. Rio Grande do Sul, São Leopoldo: Editora Sinodal/Est, 2002.  
FRANCISCO, Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, 2013.  
\_\_\_\_\_, Discurso ao *Comitê Diretivo do CELAM*, Colômbia, 2017.  
\_\_\_\_\_, Exortação Apostólica Pós Sinodal *Christus Vivit*, 2019.  
\_\_\_\_\_, Exortação Apostólica Pós Sinodal *Querida Amazônia*, 2020.  
\_\_\_\_\_, Mensagem para o *Dia Mundial das Missões* 2020.  
\_\_\_\_\_, Mensagem para o *Dia Mundial das Missões* 2021.

---

<sup>18</sup> Tg 2,1.

<sup>19</sup> 1Jo 1,3.

<sup>20</sup> At 4, 20.

<sup>21</sup> Cf. 2 Tm 2, 9.

<sup>22</sup> Sl 19 (18), 4 – 5.

<sup>23</sup> Mensagem para o Dia Mundial das Missões 2020.

<sup>24</sup> EG 273.

JOÃO PAULO II, Carta Encíclica Redemptoris Missio, 1990.  
PAULO VI, Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi, 1975.